Em Tese

OLAVO DE CARVALHO E A GUERRA CULTURAL DAS NOVAS DIREITAS: ENTREVISTA COM ALVARO BIANCHI[1]

Olavo de Carvalho and the cultural wars of the new right: an interview with Alvaro Bianchi

Entrevistado

Alvaro **BIANCHI**
Universidade Estadual de Campinas
abianchi@unicamp.br
https://orcid.org/0000-0001-5201-5923

Entrevistadores

Aline Vanessa **ZAMBELLO**
Universidade Estadual de Campinas
alinezambello@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-2274-7952

Ivan Henrique de Mattos e **SILVA**
Universidade Federal do Amapá
ivansilva@unifap.br
https://orcid.org/0000-0002-4373-5037

Josnei di **CARLO**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil
josnei.boas@ies.unespar.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-9319-4750

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

[1] A entrevista oral foi realizada em 22 de abril de 2021, no Youtube, e sua transcrição foi realizada pelos entrevistadores e revisada pelo entrevistado em agosto de 2021. Entrevista oral disponível em: https://youtu.be/JvbJk8SBs8M

Alvaro Bianchi é professor livre-docente, coordenador do Laboratório de Pensamento Político (Pepol/Unicamp) e, atualmente, diretor do Instituto de Filosofia em Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Referência internacional em Antonio Gramsci, foi *visiting researcher* na Fondazione Gramsci e é membro do Comitê de Coordenação da International Gramsci Society e do corpo editorial do *International Gramsci Journal*. De seu vasto currículo, destacamos sua vinculação ao pensamento político gramsciano porque ela é a ponte que liga a suas pesquisas recentes sobre as novas direitas, especialmente dedicadas à obra literária de Olavo de Carvalho – temas que orientaram a entrevista que nos concedeu para o dossiê "Nova Direita no Brasil: matrizes teóricas, intelectuais e discursivas".

Uma entrevista é um processo coletivo não só por envolver entrevistado(s) e entrevistador(es), mas também por abranger a articulação de outras pessoas para a sua realização. Foi o caso desta entrevista, em razão de Rodolfo Palazzo Dias (UFRJ) nos ter colocado em contato com o professor Bianchi. Entretanto, seu caráter coletivo foi acentuado por ser derivada de uma *live* realizada em 22 de abril de 2021 no Youtube. O público da *live*, portanto, foi um dinamizador do debate, com suas reações e perguntas, merecendo ser lembrado.

Ao transcrevermos as perguntas e respostas em agosto de 2021, intervimos ativamente. De um lado, com supressões de uma ou outra delas para evitar repetições desnecessárias em um texto escrito. De outro, reordenando-as para dar mais organização temática à entrevista. Em ambos os casos, com a mediação de Bianchi, com ele fazendo correções e acrescentando novas ideias com a leitura da transcrição. Assim, o público leitor desta entrevista tem outro produto em mãos, pelo fato de o texto ter ganho novas camadas sobre os temas debatidos oralmente na *live*.

Professor, em sua trajetória acadêmica, destacam-se as pesquisas sobre pensamento político, especialmente de Antonio Gramsci. Portanto, gostaríamos de saber como Olavo de Carvalho veio a se tornar objeto de pesquisa para você?

Esse objeto, em certo sentido, me procurou. Assim como procurou a todos nós, ao aparecer na esfera pública nos debates contemporâneos. Pareceu-me, então, interessante e importante refletir sobre isso.

Inicialmente, minha preocupação era o pensamento político conservador, que foi um desdobramento das minhas pesquisas sobre o pensamento político e a história da ciência política estadunidenses. As primeiras correntes que me chamaram a atenção foram a dos

neoconservadores, que tiveram um papel destacado no governo Ronald Reagan, e a que se organizava em torno de William Buckley e da revista *National Review*. Sobre Buckley e a *National Rewiew* cheguei a escrever um ensaio que foi publicado no livro *Direita Volver*, editado pela Fundação Perseu Abramo em 2015. Nele, analiso a trajetória de Buckley e o que caracteriza seu pensamento político como conservador. E essas investigações me levaram a refletir sobre o pensamento conservador brasileiro contemporâneo.

A esse interesse pelo pensamento conservador se somou uma questão que nascia de meu envolvimento e o meu interesse nas pesquisas sobre Antonio Gramsci. Como Gramsci, em determinada conjuntura política brasileira, veio a ser o inimigo público número um dos conservadores, ao se tornar o suposto proponente de uma "revolução gramscista" – este termo que é geralmente usado – e a encarnação do mal na sociedade contemporânea, aquele que deve ser derrotado? Isso me fez ir aos textos de Olavo de Carvalho para ver quando esse tema aparecia no seu pensamento, onde se materializava e de que modo ele construía o seu discurso. A própria construção do inimigo, que é na verdade a construção de uma ideologia do mal, era o que me interessava e o que me motivou a ler seus escritos, sua obra e me informar sobre o tema.

Professor, quais são os acertos e os equívocos de Olavo de Carvalho sobre a vida e a obra de Antonio Gramsci?

Olavo de Carvalho conhece muito pouco do pensamento gramsciano. Do mesmo modo desconhece a biografia de Gramsci. Por exemplo, em mais de uma ocasião Olavo de Carvalho fala da filha de Gramsci. Mas Gramsci não teve uma filha. Teve dois filhos. É uma leitura superficial eivada de equívocos. Mas isso não me interessa. Não creio que seja frutífero discutir os equívocos de Olavo de Carvalho na leitura deste ou daquele autor. Olavo de Carvalho não é um filósofo profissional. Não almeja essa posição, a meu ver. É mais eficiente, portanto, desvelar os dispositivos retóricos que garantem a eficácia de seu discurso. Por que um discurso político-filosófico cheio de equívocos e muitas vezes primário é eficaz? É isso que precisamos nos perguntar, pois revelar os erros não vai tornar esse discurso menos eficaz. Por isso é preciso conhecer a obra de Olavo de Carvalho.

Nas obras de Olavo de Carvalho, destacadamente a trilogia formada por *A Nova Era e a Revolução Cultural* (1994), *O Jardim das Aflições* (1995) e *O Imbecil Coletivo* (1996), mas também em *O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota* (2013), que é uma coletânea de artigos já das redes sociais, há uma fixação por

Antonio Gramsci, como se ele fosse a materialização do que há de pior no discurso filosófico e político. Por que Gramsci foi elevado ao grande inimigo das novas direitas?

No contexto estadunidense, creio que o inimigo principal é a Escola de Frankfurt e não Gramsci. Essa cruzada contra o marxismo cultural começa nos Estados Unidos como uma cruzada contra a Escola de Frankfurt. Mas, na América Latina, Gramsci ocupou desde muito cedo um lugar importante no processo de renovação das esquerdas latino-americanas. Gramsci começou a ser traduzido para o espanhol pela editora Lautaro, da Argentina, já nos anos 1950. Ou seja, pouquíssimo tempo depois de começar a ser publicado na Itália. Começou a ser traduzido para o português em 1966, por iniciativa editora Civilização Brasileira. E o processo de renovação das esquerdas latino-americanas têm em Gramsci, particularmente depois da derrota das guerrilhas nos anos 1960 e 1970, um de seus protagonistas. Gramsci é um pouco o inimigo incontornável para os conservadores latino-americanos porque eles, assim como os gramscianos, escolhem como terreno do conflito a cultura, concebida a partir de uma leitura fortemente política. O pensamento conservador sempre considerou a cultura como o seu território e sempre se colocou no conflito em um contexto fortemente cultural. Com Gramsci as esquerdas se colocaram em um campo de batalha que até então era monopólio dos conservadores. E estes reagiram.

As primeiras reações já datam dos anos 1970 e um anti-gramscismo latino-americano começa a se manifestar no início dos anos 1980. No Brasil, isso chega tardiamente, comparado com o Chile e a Argentina, por exemplo. E chega por intermédio de Olavo de Carvalho, que diz que começa a se preocupar com o gramscismo e o gramscismo petista em 1987. Esta data faz todo sentido porque coincide com V Encontro Nacional do PT, no qual o Partido dos Trabalhadores discute pela primeira vez o que seria uma estratégia petista, chamada estratégia democrático-popular, e o faz a partir de uma leitura muito particular de Gramsci: de que ele seria justamente o teórico da luta de longa duração no interior das instituições. A reação de Olavo de Carvalho é, em primeiro lugar, uma reação a essa recuperação que PT passa a fazer das ideias de Gramsci e a tradução dessas ideias em uma estratégia política. Enfim, creio que Gramsci se torna o inimigo público número um porque justamente ele é incontornável na América Latina e ele é incontornável no Brasil. Se tomarmos o léxico político das esquerdas a partir dos anos 1980, veremos que esse léxico se constrói em torno de categorias que são fundamentalmente categorias gramscianas: a de sociedade civil, de hegemonia, de bloco histórico, de

intelectuais orgânicos, etc. E isso não está presente apenas no PT, mas nas outras vertentes políticas, intelectuais e culturais, que passam a organizar o seu discurso a partir dessas categorias. É Gramsci que se impõe a esse pensamento conservador como um obstáculo incontornável e esses conservadores têm a sagacidade necessária para compreender contra quem estavam lutando, quem deveriam enfrentar.

Professor, o que diferencia a nova direita da velha direita? E qual o contexto que marca essa nova direita?

É interessante nós retomarmos um artigo de Flávio Pierucci sobre as novas direitas no Brasil. Um artigo em que ele publica em 1987 sobre as bases da nova direita, analisando os resultados eleitorais em São Paulo e a persistência de certas correntes político-ideológicas na capital paulista. Aí ele identificava uma característica daquilo que estava chamando de nova direita, na época, que era um discurso social. Ele dizia que essa nova direita se diferenciava da antiga por carregar consigo uma pauta social que não estava presente anteriormente. Os discursos das velhas direitas assumiam sempre uma conotação contrária ao *welfare state*, que a nova direita não demonstrava com o mesmo vigor. Isso permitia à nova direita estabelecer um diálogo mais efetivo com grupos sociais subalternos. Subalternos, aqui, é uma categoria gramsciana, não de Pierucci. Nós estamos perante outro fenômeno porque essas novíssimas direitas, coloco propositalmente no plural para destacar sua variedade, praticamente eliminam de seu discurso um programa social, que estava presente no discurso da direita dos anos 1970, 1980 e início dos 1990. Isso, para mim, é uma inovação importante sobre a qual nós devemos refletir.

Por outro lado, é importante percebermos correntes políticas e intelectuais emergentes: o conservadorismo tradicionalista, os ultraliberais e os cristãos fundamentalistas. Se formos analisar as direitas pregressas, veremos que esses três grupos não eram os mais importantes em contextos políticos e intelectuais anteriores. Ou seja, eram outras as forças políticas e intelectuais que organizavam as direitas. Existiam correntes cristãs fundamentalistas, mas nelas não havia um componente evangélico ou pelo menos ele não era muito marcante, predominando uma vertente católica muito forte, sim. Mas esse novo componente evangélico, que adquire uma força na vida política nacional a partir da Constituinte, ou seja, a partir de 1988 – trata-se da primeira participação organizada dos evangélicos na vida política – dá todo um novo sentido a essa corrente cristã fundamentalista, à qual precisamos estar atentos. Entre outras razões porque

incorpora uma dimensão que é menos elitista e mais popular. E isso a meu ver é novo. Temos, portanto, novas correntes, hoje, configurando essas novas direitas.

Não há apenas diferenças e rupturas com aquilo que poderíamos chamar das velhas direitas. Há traços de continuidade, como falei anteriormente e que são importantes pesquisar, mas há também inovação política, ideológica, organizativa, etc. Enfim, são novos fenômenos aos quais devemos estar atentos. A mesma coisa podemos dizer em relação aos ultraliberais. Há ultraliberais nos anos 1950 e 1960? Sim, há Eugenio Gudin, Roberto Campos e outros. Mas o neoliberalismo contemporâneo assume características distintas daquele precedente, embora dialogue com ele. Chama a atenção, por exemplo, a ênfase que a escola austríaca, em particular Ludwig von Mises, assumiu no discurso político-ideológico dos ultraliberais nas últimas décadas.

Professor, você deu uma entrevista para o Instituto Humanitas Unisinos (IHU) em que disse que Olavo de Carvalho é mais um efeito da nova direita do que uma causa dela. Independente de não ser o criador desse campo, gostaria que você desenvolvesse um argumento relacionado à tese de Camila Rocha. No argumento dela, a nova direita *lato sensu* – ressalvadas as suas especificidades internas, que são várias – é um grupo que tinha identificações temáticas valorativas, mas não tinha um conteúdo discursivo uniforme. Inclusive se constitui antes como um "contra-público", segundo a tese dela. Qual seria o papel, se é que ele teve, de Olavo de Carvalho no fornecimento de uma linguagem política para nova direita? Em suma, é possível pensar Olavo de Carvalho como um intelectual orgânico da nova direita?

Olavo de Carvalho é um intelectual e é um intelectual no sentido gramsciano. Não precisamos sequer recorrer à ideia de "intelectual orgânico". Uma ideia com a qual tenho cada vez mais dúvida e é uma ideia bastante secundária no complexo processo de construção conceitual no interior dos *Cadernos do Cárcere*. Há lugares bastantes específicos nos quais ela aparece, mas não é uma ideia constante nos *Cadernos*. Mas fiquemos com essa ideia. Olavo de Carvalho é um intelectual por ser um organizador da cultura, em um sentido gramsciano. E é talvez um dos intelectuais mais importantes do Brasil contemporâneo. Sei que isso pode parecer chocante. Mas é uma realidade que devemos aceitar e que devemos procurar compreender.

Sobre o lugar de Olavo de Carvalho no que chamamos de novas direitas, tem relações de ruptura, mas também de continuidade com movimentos anteriores na vida política e cultural brasileiras. Recentemente, pesquisas – como, por exemplo, as realizadas

por Odilon Caldeira Neto sobre o neointegralismo – têm enfatizado certas persistências ideológicas, mas também certas persistências organizativas no âmbito das direitas brasileiros. E creio que devemos imaginar essas direitas procurando compreender a sua pluralidade e heterogeneidade. Por isso gosto de enfatizar os plurais aqui: novas direitas e não apenas nova direita.

Destas novas direitas creio que nas últimas décadas três grandes vertentes se manifestaram na nossa vida política e cultural. Uma vertente que é encarnada pelo próprio Olavo de Carvalho e expressa um conservadorismo tradicionalista. Não estou usando “tradicionalista” exatamente na mesma acepção de Benjamin Teitelbaum ao analisar as ideias de Aleksandr Dugin, Julius Evola, René Guénon e Olavo de Carvalho. Penso em uma vertente política e cultural mais ampla que se organiza em torno de uma ideia de recusa da modernidade. Entram correntes de caráter místico e político, como Evola, Dugin e Olavo de Carvalho, mas outras correntes que também têm esse denominador em comum. Uma segunda vertente é a dos ultraliberais, que se organizam em torno, por exemplo, do Instituto Mises, do MBL, de institutos de estudos empresariais, etc., ou seja, iniciativas bastante diversificadas. Por fim, uma terceira vertente seria dos cristãos fundamentalistas.

Essas três vertentes têm pontos de concordância, mas também têm vários pontos de divergência. E não são as ideias de Olavo de Carvalho que soldam essas diferentes vertentes em um único movimento. Os cristãos fundamentalistas permanecem com formas próprias ideológicas que se distinguem bastante dos postulados de Olavo de Carvalho. Creio que é mais interessante falarmos de confluências, de concordâncias e de terrenos em comum do que procurarmos um artífice de um movimento ideológico unitário que daria coerência a essas novas direitas.

A trajetória de Olavo de Carvalho indica que é um comunicador habilidoso. Entre os anos 1990 e 2000, escreveu para a revista *Bravo*, que era voltada para um público culto. Seus ensaios demonstravam erudição, mas eram marcados pelo conservadorismo. Neles, a arte e a cultura contemporâneas eram decadentes. Em 2002, Olavo de Carvalho cria o *site Mídia Sem Máscara*. Gradativamente vai migrando para a Internet, que exige outra linguagem, não mais a mesma usada por ele nos ensaios da *Bravo*. Hoje, as redes sociais são o principal espaço ocupado por ele. Nelas, divulga e faz circular suas ideias. Agora sua linguagem está marcada pelo baixo calão. Olavo de Carvalho, pelo fato de não ser um intelectual institucionalizado na academia, procura fazer as suas ideias circularem por diferentes espaços. Assim,

possivelmente tem de mudar o seu estilo conforme o meio utilizado: uma linguagem mais culta na *Bravo*, mais densa em seus livros e mais chula nas redes sociais. Professor, realmente Olavo de Carvalho muda sua linguagem conforme o suporte usado por ele? E quais são as habilidades dele como comunicador?

Tenho familiaridade com os livros de Olavo de Carvalho e evidentemente o acompanho nas redes sociais. E uma coisa que me chamou bastante atenção quando comecei a ler esses livros é de que ele era capaz de mobilizar e articular uma retórica que me pareceu muito eficiente, com vários estilos. Por exemplo, tem um ensaio, que aparece em dois ou três livros dele – na verdade uma conferência de lançamento de *O Imbecil Coletivo*, de 1996, que é o último e mais vendido livro de sua trilogia, os outros são *A Nova Era e a Revolução Cultural* e *Jardim das Aflições* – em que expõe dramaticamente o conflito entre as figuras bíblicas Behemoth e Leviatã, que representaria o conflito fundamental e presente no mundo contemporâneo. Behemoth representando as necessidades naturais às forças obedientes a Deus e Leviatã a encarnação da infra-natureza diabólica e da rebelião. A questão toda é como evitar a vitória de Leviatã e garantir a vitória Behemoth. Nesse conflito entre as forças do bem e do mal se organiza o discurso político e filosófico de Olavo de Carvalho. O texto tem uma força retórica muito grande e eu o considero muito eficiente, é por meio dele que seu autor constrói a legitimidade do que vem a seguir. Mas quando voltamos para o restante de *O Imbecil Coletivo* vemos que é uma obra bastante estratificada: com alguns textos nos quais o autor procura estabelecer claramente um diálogo com referências à alta cultura e outros textos nos quais a linguagem se próxima muito daquilo que nós vemos hoje nas redes sociais. Uma linguagem muito agressiva, muito misógina, muito sexista, enfim, marcada por elementos escatológicos, uma linguagem de baixo calão. Isso também nós encontramos nos livros.

Por exemplo, tomemos um livro como *A Nova Era e a Revolução Cultural*. É um livro, digamos, um pouco estranho. Tem um capítulo introdutório sobre Fritjof Capra, o autor de *Ponto de Mutação*, no qual Olavo de Carvalho entra numa discussão sobre esse livro. É interessante esse capítulo porque claramente tenta demonstrar erudição, em particular quando discute o I-Ching. Cita as várias edições, porque ele prefere uma edição a outra. Ali ele está abrindo sua caixa de ferramentas e mostrando para o seu público certo conhecimento. O capítulo sobre Gramsci é diferente, é mais apressado, várias informações equivocadas, percebe-se claramente que sequer conhece elementos básicos da biografia de Gramsci, quanto mais da bibliografia gramsciana. E a seguir um conjunto de ensaios, a maioria dele escritos para a imprensa. Nesses escritos de ocasião em que justamente nós

vemos um deslocamento lexical, nós vemos outra retórica sendo articulada e percebemos claramente que é outro o público. Aqui acredito estar uma virtude demonstrada por Olavo de Carvalho, que é de se dirigir a vários públicos e de cativar de maneiras diferentes públicos diversos, desde aquele público leitor, por exemplo, nos anos 1990 da revista *Bravo*, até aquele que depois passou a acompanhar o *site Mídia Sem Máscara* e que hoje o segue no Twitter ou no Facebook.

A replicação das ideias de Olavo de Carvalho ocorre fortemente por meio dos cursos que leciona na Internet. É uma forma de ele multiplicar essas correntes de pensamento conservador. Professor, qual sua percepção sobre a circulação dessas ideias entre as novas direitas? Enfim, como funciona a capilarização do pensamento de Olavo de Carvalho, que tem ganhado força e relevância no contexto atual?

Apesar de toda a indisposição de Olavo de Carvalho com as ideias de Antonio Gramsci, nós podemos dizer que o programa político e intelectual de Olavo de Carvalho é de tipo gramsciano, no sentido de que não apenas ele define a cultura como um terreno privilegiado do conflito político, mas também por ele perceber claramente a importância de formar intelectuais. Ou seja, a importância dessa vertente conservadora no cenário político nacional está no fato de almejar formar seus próprios intelectuais. Isso é o que ele faz por meio de seus cursos, formar uma camada de intelectuais que se situa fora do aparelho universitário. Na verdade, não necessita desse aparelho universitário para se constituir e, em certo sentido, se constitui em oposição a esse aparelho. E faz isso, a meu ver, de maneira bem sucedida. Hoje nós encontramos esses intelectuais olavistas que reproduzem as suas ideias para diferentes públicos, aumentando o alcance delas e conferindo-lhe maior eficácia.

Nesse sentido eu relembro uma nota de Antonio Gramsci a respeito de Benedetto Croce. Gramsci dizia que a eficácia do pensamento de Croce estava, por um lado, em sua clareza e, por outro, na vasta rede atingida por esse pensamento no sistema escolar italiano. O que Gramsci dizia era que a difusão das ideias de Croce se devia à sua capacidade de apresentar suas ideias para os professores das escolas e por meio deles atingir públicos que não o liam diretamente, mas que recebiam essas ideias por meio de um processo de tradução promovido pelos docentes. No caso de Olavo de Carvalho, nós estamos falando de ideias que não transitam por esses canais institucionais, mas se difundem por outros meios, dos quais podemos destacar as editoras, *blogs*, *influencers* das diferentes plataformas – YouTube, Twitter, Facebook, etc. Enfim, há diferentes pontos de

irradiação dessas ideias e Olavo de Carvalho alimenta essa circulação de maneira muito eficaz.

Sabemos que Olavo de Carvalho tem penetração no campo jornalista. Pedro Bial, por exemplo, o elogiou como uma das grandes cabeças do Brasil. No campo acadêmico, porém, parece não ter se dado da mesma forma, inclusive com ele sendo visto de forma meramente caricatural, sem reconhecer suas habilidades como comunicador. Contudo uma passagem do último livro de Bruno Paes Manso pode nos ajudar a relativizar e problematizar isso. Em *A República das Milícias* lemos: "[...] Conheci e comecei a ler os textos de Olavo na internet em 2002, quando cumpria meus créditos para o doutorado no Departamento de Ciência Política da USP. O nome dele me foi indicado pelo meu professor e orientador Oliveiros S. Ferreira, referência no debate político nacional e quem também havia sido diretor de redação e chefe dos editorialistas do jornal *O Estado de S. Paulo*. Oliveiros me disse que Olavo era a única pessoa que ele lia com interesse na imprensa daquela época. [...]" (p. 278). Professor, será que os leitores acadêmicos de Olavo de Carvalho se esconderam, talvez até por conta de sua imagem caricatural na academia? Ou sua penetração na academia se deu de forma informal, por meio de conversas como essa relatada por Manso?

Só posso intuir e pensar nas pistas para nós pesquisarmos. Mas a resposta que darei a essa questão vai de encontro à entrevista que dei ao Instituto Humanitas Unisinos a respeito da hegemonia do marxismo nas universidades. Primeiro temos de nos perguntar de qual universidade estamos falando. Afinal, o sistema de ensino superior brasileiro é grande, diversificado e estratificado. Ele é muito complexo. Quando falamos, por exemplo, da suposta hegemonia do marxismo nas universidades, perguntava, na ocasião, hegemonia onde? Nas faculdades de direito, de medicina, de engenharia? Certamente, não. Mas não são esses cursos que concentram os maiores recursos existentes nas universidades: número de professores, de financiamentos, etc. De que universidade estamos falando? Quando saímos dos cursos de Filosofia e de Ciências Sociais, provavelmente encontraremos um número maior de leitores da obra de Olavo de Carvalho.

Na minha universidade – Universidade Estadual de Campinas, que é um dos alvos preferidos de Olavo de Carvalho, mas também dos ultraliberais, por conta do Instituto de Economia e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – temos professores que explicitamente se vincularam a movimentos ultraliberais e se manifestaram, ativamente, não apenas por ocasião de greves, mas também em assembleias docentes, por meio da

imprensa, de redes sociais, etc. Enfim, há esses leitores, estão também nas universidades e são mais presentes do que imaginamos.

Mas, sim, nas humanidades, esses leitores são em número muito menor do que nesses outros cursos que mencionei e a filosofia de Olavo de Carvalho não é levada a sério. Pode haver casos como o de Oliveiros S. Ferreira? Sim e devemos esperar isso, mas será um fenômeno marginal. Permito-me desviar-me um pouco do tema para comentar a respeito deste personagem. Trata-se de uma figura ímpar. Oliveiros foi provavelmente o primeiro leitor de Gramsci na antiga Faculdade de filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Tomou contato com a obra do sardo no início dos anos 1960, durante um estágio de pós-doutorado na França, e utilizou suas ideias em seus cursos. Mais tarde escreveu um livro sobre Gramsci, intitulado *Os 45 Cavaleiros Húngaros* (1986). Pois bem, Ferreira era, como se sabe, um conservador, ou como um intérprete sagaz e irônico afirmou, um "revolucionário da ordem". Que a admiração por Gramsci e Olavo coexistissem no pensamento deste professor não causa espécie a quem o conheceu. Mas não deixa de ser uma convivência inusitada, nem o sardo nem seu antagonista se sentiriam confortáveis.

Professor, qual é a função da erudição no pensamento de Olavo de Carvalho?

A erudição cumpre uma função de legitimação. Sem construir um discurso filosófico que aponte para a alta cultura, sem afirmar a legitimidade do discurso filosófico perante a alta cultura, este pensamento não atingirá de modo eficaz um público mais amplo. Não esqueçamos que Olavo de Carvalho se apresenta e é apresentado por seus discípulos como filósofo e professor. Sem procurar dialogar com aquilo que a alta cultura afirma como legítimo, Olavo de Carvalho não poderia fazer o seu escarcéu no Twitter e no Facebook. Uma prática discursiva está fortemente vinculada a outra: a legitimidade que Olavo de Carvalho adquire em uma determinada esfera se transforma em um capital simbólico, que é reinvestido em outra dimensão discursiva. E aqui reside toda a sua eficácia. Por isso Olavo de Carvalho, repetidamente vai mencionar os expoentes da alta cultura que avalizam a sua obra. Ele nunca fez isso com Oliveiros S. Ferreira, provavelmente porque Ferreira se manteve discreto a respeito dele. Mas frequentemente citou jurista Ives Gandra, o poeta Bruno Tolentino e outros mais. Aliás, sempre são os mesmos avalistas que aparecem repetidamente em sua obra.

Professor, para terminar a nossa entrevista, a despeito de atritos recentes de Olavo de Carvalho com os militares, é possível falar em uma aproximação de objetivos das Forças Armadas com os objetivos dele ou são projetos distintos que tem apenas Jair Bolsonaro como denominador comum?

Para mim, é uma aliança de ocasião. As Forças Armadas, e quem estuda isso há mais tempo conhece o tema melhor do que eu, tem uma ideologia própria, destilada ao longo de décadas e assentada em um conservadorismo de tipo modernizante. Ou seja, o pensamento conservador que é característico das Forças Armadas não está assentado em um discurso de oposição à modernidade. Pelo contrário, os militares no Brasil sempre se viram como agentes da modernização nacional. Há pontos de convergência: nós podemos dizer que o anticomunismo evidentemente é um traço em comum na ideologia da caserna e no pensamento de Olavo de Carvalho, é um ponto que permitem uma confluência no contexto do governo Bolsonaro. Mas não creio que as ideias de Olavo de Carvalho tenham influenciado de alguma maneira o modo como os militares veem uma concepção de mundo, que organiza a prática política dos militares. Creio que há uma concordância e uma coincidência de objetivos comuns, mas não há uma ideologia comum. Por isso que julgo interessante percebermos e trabalharmos com essa ideia de pluralidade, de heterogeneidade das novas direitas. Isso pode nos levar a uma imagem mais efetivas dessas forças políticas e ideológicas.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA
OLAVO DE CARVALHO E A GUERRA CULTURAL DAS NOVAS DIREITAS: ENTREVISTA COM ALVARO BIANCHI

Alvaro **BIANCHI**
Universidade Estadual de Campinas
abianchi@unicamp.br
https://orcid.org/0000-0001-5201-5923

Aline Vanessa **ZAMBELLO**
Universidade Estadual de Campinas
alinezambello@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-2274-7952

Ivan Henrique de Mattos e **SILVA**
Universidade Federal do Amapá
ivansilva@unifap.br
https://orcid.org/0000-0002-4373-5037

Josnei di **CARLO**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil

josnei.boas@ies.unespar.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-9319-4750

PUBLISHER
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO
Recebido em: 3 de setembro de 2021
Aprovado em: 3 de setembro de 2021.